

O cometa

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

E o cometa veio, brilhando com seu núcleo de fogo e ameaçando com sua vara; olhavam para ele do rico palácio, da casa pobre, da multidão na rua e do caminho do solitário que atravessava a charneca sem estradas; cada um tinha seus pensamentos a respeito.

— Venham ver o sinal do céu! Venham ver o espetáculo magnífico! — diziam, e todos se apressavam a olhar.

Mas dentro de casa ainda estavam sentados um menininho e sua mãe; a vela de sebo ardia, e a mãe achou que havia nela uma apara de madeira; o sebo se erguia numa ponta e se enrolava; isso significava, acreditava ela, que o menino logo morreria, pois a apara se voltava para ele.

Era uma velha superstição, e ela acreditava nela.

O menino, porém, viveria muitos anos na terra, viveria para ver o cometa quando ele voltasse a aparecer, mais de sessenta anos depois.

O menino não via a apara na vela, nem pensava no cometa que brilhava no céu pela primeira vez em sua vida. Estava sentado diante de uma tigela remendada, com água e sabão batidos; nela mergulhava a cabeça de um cachimbinho de barro branco, depois punha a haste na boca e soprava bolhas de sabão, pequenas e grandes; tremiam e flutuavam com as mais belas cores, que mudavam do amarelo ao vermelho, ao lilás e ao azul, e então ficavam verdes como a folha da floresta quando o sol a atravessa.

— Deus lhe conceda tantos anos aqui na terra quantas bolhas você sopra!

— Tantos, tantos! — disse o pequeno. — A água de sabão nunca pode acabar de tanto soprar!

E ele soprava bolha após bolha.

— Lá vai voando um ano! Lá vai voando um ano! Vejam como voam! — dizia a cada bolha que se soltava e voava. Duas lhe foram diretamente aos olhos; ardiam, queimavam, e os olhos se encheram de lágrimas. Em cada bolha ele via uma visão do futuro, brilhante, resplandecente.

— Agora dá para ver o cometa! — gritaram os vizinhos. — Venham para fora, não fiquem aí dentro!

A mãe pegou o pequeno pela mão; ele teve de largar o cachimbinho, abandonar a brincadeira das bolhas de sabão; o cometa estava lá.

E o menino viu a bola de fogo luminosa com a cauda radiante; alguns diziam que parecia ter três côvados de comprimento, outros que tinha milhões de côvados; as pessoas veem de modos tão diferentes.

— Filhos e netos poderão estar mortos antes que volte a aparecer! — diziam as pessoas.

A maioria dos que diziam isso também estava morta e desaparecida quando ele voltou a aparecer; mas o menino para quem se voltava a apara na vela e de quem a mãe pensava “Ele logo morrerá!” ainda vivia, velho e de cabelos brancos. “Os cabelos brancos são as flores da idade!”, diz o provérbio, e ele tinha muitas dessas flores; agora era um velho mestre-escola.

Os alunos diziam que ele era tão sábio, sabia tantas coisas, conhecia história, geografia e o que se sabe dos corpos celestes.

— Tudo volta! — dizia ele. — Basta prestarem atenção às pessoas e aos acontecimentos, e reconhecerão que eles sempre voltam, com outra roupa, em outro país.

O mestre-escola então contara sobre Guilherme Tell, que teve de acertar uma maçã sobre a cabeça do filho, mas, antes de disparar a flecha, escondeu no peito uma segunda para atirar no peito do malvado Gessler. Isso acontecera na Suíça, mas muitos anos antes o mesmo acontecera na Dinamarca com Palnatoke; ele também tivera de acertar uma maçã sobre a cabeça do filho e guardara, como Tell, uma flecha para se vingar; e mais de mil anos antes ainda a mesma história fora escrita como tendo acontecido no Egito; as mesmas coisas voltam, como os cometas, que passam por aqui, desaparecem e voltam.

E ele falava do cometa que se esperava, o cometa que vira quando menino. O mestre-escola conhecia os corpos celestes, refletia sobre eles, mas nem por isso esquecia a história e a geografia.

Dispunha seu jardim na forma de um mapa da Dinamarca. Ali havia plantas e flores conforme melhor se adaptavam às diferentes regiões do país.

— Busquem ervilhas para mim! — dizia, e iam ao canteiro que representava Lolland.

— Busquem trigo-sarraceno para mim! — e iam a Langeland. A bela genciana azul e o mirto-dos-pântanos podiam ser encontrados no alto, em Skagen; o azevinho brilhante, perto de Silkeborg. As próprias cidades eram indicadas por pedestais. Ali estava São Canuto com o dragão, o que significava Odense; Absalon com o báculo de bispo significava Sorø; o barquinho com remos era

o sinal de que ali ficava a cidade de Aarhus. No jardim do mestre aprendia-se bem o mapa da Dinamarca; mas primeiro ele precisava explicar, e isso era tão divertido.

Agora se esperava o cometa, e ele falava dele e do que as pessoas dos tempos antigos tinham dito e julgado quando estivera ali pela última vez.

— Ano de cometa é bom ano de vinho — dizia. — Pode-se misturar água ao vinho sem que se perceba. Os negociantes de vinho devem gostar muito dos anos de cometa.

O céu ficou coberto de nuvens durante quatorze noites e dias inteiros; não se podia ver o cometa, mas ele estava lá.

O velho mestre-escola estava sentado em seu quartinho junto à sala de aula. O relógio de Bornholm, do tempo de seus pais, ficava no canto; os pesados pesos de chumbo não subiam nem desciam, o pêndulo não se movia; o pequeno cuco, que outrora aparecia e cantava as horas, havia anos ficava calado atrás da portinhola fechada; tudo estava mudo e quieto ali dentro, o relógio já não funcionava. Mas o velho piano ao lado, também do tempo dos pais, ainda tinha vida: as cordas podiam soar, um pouco roucas, é verdade, e tocar as melodias de toda uma vida humana. Assim o velho se lembrava de tantas coisas, alegres e tristes, da sequência de anos entre a infância, quando vira o cometa, e aquele momento em que ele voltara. Lembrava-se do que a mãe dissera sobre a apara na vela, lembrava-se das belas bolhas de sabão que soprava; cada uma era um ano de vida, dissera, como brilhavam, que esplendor de cores! Via nelas tudo de belo e alegre: brincadeiras de criança e alegrias da juventude, o vasto mundo aberto ao sol, e para ele haveria de partir! Eram bolhas do futuro. Agora, velho, ouvia nas cordas do piano

melodias do tempo passado: bolhas de lembrança com os reflexos coloridos das recordações; soava a cantiga de tricô da avó:

*Decerto não foi uma amazona
quem a primeira meia teceu.*

Soava a canção que a velha criada da casa lhe cantara quando criança:

*Há tantos perigos neste mundo
por que se tem de passar,
quando se é ainda tão jovem
e pouco se sabe julgar.*

Agora soavam melodias do primeiro baile, um minueto e uma molinaski; agora vinham tons suaves e melancólicos, e os olhos do velho se enchiam de lágrimas; agora irrompia uma marcha de guerra, depois um salmo, depois sons alegres, bolha após bolha, como quando menino as soprava de água e sabão.

Seus olhos estavam fixos na janela; uma nuvem no céu lá fora se afastou, e ele viu no ar límpido o cometa, seu núcleo brilhante, seu luminoso véu de névoa.

Era como se o tivesse visto na noite de ontem, e no entanto uma vida humana inteira e rica se estendia entre aquele tempo e o presente; então era criança e via nas bolhas “adiante”, agora as bolhas mostravam “para trás”. Sentiu o espírito e a fé de criança; seus olhos brilharam, sua mão caiu sobre as teclas — soou como se uma corda se partisse.

— Venha ver, o cometa está aqui! — gritaram os vizinhos. — O céu está tão belo e límpido! Venha ver de verdade!

O velho mestre-escola não respondeu: partira para ver de verdade; sua alma seguia por uma órbita maior, por um espaço mais vasto do que aquele que o cometa atravessa. E olhavam outra vez para ele do rico palácio, da casa pobre, da multidão na rua e da solidão da charneca sem estradas. Para sua alma olhavam Deus e os entes queridos que haviam partido antes, aqueles de quem sentia saudade.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-cometa>